

UNILEÃO  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

AILTON MARQUES DE LIMA JUNIOR

**FEMINICÍDIO E PSICANÁLISE: reflexões sobre as contribuições da psicanálise  
sobre o sujeito que pratica o feminicídio**

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2021

AILTON MARQUES DE LIMA JUNIOR

**FEMINICÍDIO E PSICANÁLISE: reflexões sobre as contribuições da psicanálise sobre o sujeito que pratica o feminicídio**

Trabalho de Conclusão de Curso –  
Artigo Científico, apresentado à Coordenação  
do Curso de Graduação em Psicologia do  
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em  
cumprimento às exigências para a obtenção do  
grau de Bacharel em Psicologia.

**Orientador:** Prof. Dr. Raul Max Lucas  
da Costa

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2021

AILTON MARQUES DE LIMA JUNIOR

**FEMINICÍDIO E PSICANÁLISE: reflexões sobre as contribuições da psicanálise  
sobre o sujeito que pratica o feminicídio**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso de AILTON MARQUES DE LIMA JUNIOR.

**Orientador:** Prof. Dr. Raul Max Lucas  
da Costa

Data da Apresentação: 15/12/2021

**BANCA EXAMINADORA**

Orientador: Prof. Dr. Raul Max Lucas da Costa

Membro: Profa. Esp. Nadya Ravella Siebra de Brito Saraiva/UNILEÃO

Membro: Esp. José André dos Santos

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2021

## **FEMINICÍDIO E PSICANÁLISE: reflexões sobre as contribuições da psicanálise sobre o sujeito que pratica o feminicídio.**

Ailton Marques de Lima Júnior<sup>1</sup>  
Raul Max Lucas da Costa<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O feminicídio é um grave problema que se tornou uma questão de saúde pública na América Latina, e principalmente no Brasil. Tendo em vista esses números crescentes, debater o feminicídio apresenta-se como uma questão urgente, os quais representam atos de extrema violência e culminam com vidas perdidas de forma perversa, torna-se necessário um olhar atento para esse problema, como também fomentar a produção científica sobre essa problemática, que justifica essa pesquisa. Frente a isso, como objetivo, geral analisar as contribuições que a psicanálise, enquanto campo teórico, pode fornecer para uma compreensão dessa problemática, foi possível encontrar na literatura científica através de pesquisa bibliográfica, perspectivas que promovem um melhor entendimento acerca desse tema. Assim, por objetivos específicos se buscou investigar, discutir e descrever algumas perspectivas. Trazendo um recorte sobre o feminicídio, em relação com a psicanálise, seguindo propostas de interlocuções psicanalíticas, em duas temáticas que utilizadas para debater a problemática do feminicídio, através da passagem ao ato e do conceito de feminino. Então foi trazida a relação do feminino com o ato violento, trazendo como amor e ódio podem ser dirigidos ao feminino que é encarnado no corpo da mulher, expondo como esses conceitos se articulam com a temática do trabalho da perspectiva do sujeito que comete o feminicídio, considerando fatores do laço social contemporâneo que exercem influência no sujeito que comete tal crime. Constatando que é possível se pensar o ato feminicida pela psicanálise através das suas contribuições teóricas, trazendo um olhar que difere do senso comum trazendo distintas perspectivas para problematizar o tema.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Feminicídio. Violência. Feminino.

### **ABSTRACT**

Femicide is a serious problem that has become a public health issue in Latin America, and especially in Brazil. In view of these growing numbers, debating femicide is an urgent issue, which represent acts of extreme violence and culminate in perversely lost lives, it is necessary to take a closer look at this problem, as well as fostering production about this issue, which justifies this research. In view of this, as a general objective to analyze the contributions that psychoanalysis, as a theoretical field, can provide for an understanding of this issue, it was possible to find in the scientific literature, through bibliographical research, perspectives that promote a better understanding of this topic. Thus, for specific purposes, we sought to investigate, discuss and describe some perspectives. Bringing a focus on femicide, in relation to psychoanalysis, following proposals for psychoanalytic interlocutions, in two themes that are used to debate the issue of femicide, through the passage to the act and the concept of the feminine. So the relationship of the feminine with the violent act was brought up, bringing how love and hate can be directed to the feminine that is incarnated in the woman's body, exposing how these concepts articulate with the theme of work from the perspective of the subject who

---

<sup>1</sup>Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: ailtonjunior\_lima@outlook.com

<sup>2</sup>Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: raulmax@leaosampaio.edu.br

commits femicide, considering factors of the contemporary social bond that influence the subject who commits such a crime. Realizing that it is possible to think about the femicide act by psychoanalysis through its theoretical contributions, bringing a look that differs from common sense, bringing different perspectives to problematize the theme.

**Keywords:** Psychoanalysis. Femicide. Violence. Feminine.

## 1 INTRODUÇÃO

O feminicídio, como será mostrado, pode se configurar como o ponto máximo da expressão da violência de gênero dirigida à figura feminina e que muitas das vezes acaba tendo trágicos desfechos, constituindo-se também como a expressão máxima de um grande problema de saúde pública que é a violência contra a mulher (RIGUINI; MARCOS, 2018), e que nesse sentido é também alvo de políticas e leis específicas que, embora visem a diminuição das mortes, acabam por deixar de lado uma prática social que vise, não o abrandamento de consequências desastrosas, mas que atue de fato no cerne da questão em que se vê o papel do homem e da mulher sendo influenciado por diversos fatores psíquicos e sociais.

No Brasil a violência contra a mulher, bem como o feminicídio, apresenta números crescentes e alarmantes, com um significativo aumento em algumas capitais como São Paulo (138%), Rio de Janeiro (13%), Espírito Santo (30%), Ceará (60%), Rio Grande do Sul (73%) e Tocantins (300%), dados registrados em relação trimestral entre 2018 e 2019, sendo consideradas apenas as ocorrências que chegam ao conhecimento das Secretarias de Segurança Pública (OKABAYASHI et al., 2020), são esses dados alarmantes que apontam para uma grande necessidade de se pensar as questões envolvidas nesses casos para além da punição ou dos determinantes de gênero que se exacerbam em cenas de violência e que justificam o desenvolvimento dessa pesquisa.

Ao lançar a questão: “Quais as contribuições que a psicanálise pode trazer para a compreensão do feminicídio, na perspectiva dos fatores subjetivos que podem estar envolvidos na problemática de quem comete o crime de feminicídio?”, assim, como objetivo geral se buscou analisar as possíveis contribuições teóricas a partir da psicanálise, que ao propor uma forma de compreensão das questões que constituem os sujeitos em suas vicissitudes podem ajudar a lançar um olhar sobre as questões da constituição do sujeito que pratica atos feminicidas, dessa maneira com os objetivos específicos de investigar quais contribuições a psicanálise pode oferecer, descrever algumas contribuições que a psicanálise pode oferecer na compreensão do feminicídio, bem como discutir a maneira que essas contribuições se relacionam com o feminicídio, partindo de alguns aspectos que exercem influência na dinâmica psíquica de quem pratica esses crimes.

Para tanto buscou-se debater no presente trabalho a questão pela perspectiva da violência e da “passagem ao ato”, conceito que tem dentro da psicanálise delimitações e elaborações bem específicas, quando articula de forma íntima esse conceito com a questão da angústia no sujeito, que também irá se articular com o objeto *a*, objeto esse que segundo Lacan

representa a causa do desejo (LACAN, 1962-63/2005) e na figura do parceiro amado ou sexual pode ganhar sua representação, já que se constitui daquilo que satisfaça a pulsão, cause o desejo ou até provoque a angústia (QUINET, 2012). E observar como também discute desde seus primórdios em Freud (1925/1996) e mais a frente com Lacan (1985/1972-73), o papel da figura feminina e suas implicações, tanto nas relações sociais e pessoais, como suas consequências psíquicas na constituição dos sujeitos.

Dessa maneira buscou-se investigar os fatores subjetivos que estão relacionados aos atos feminicidas, como também discutir como os fatores sociais contemporâneos podem exercer influência no sujeito na concretização do ato feminicida a partir da questão do feminino que engloba também atos de intolerância contra outras expressões de gênero e orientação sexual pois irá tocar no lugar do *Heteros*, que também é trazido como relacionado a esses tipos de violência e ao feminicídio (RIGUINI; MARCOS, 2018). Nesse sentido, a atual pesquisa se justifica devido a urgência de se debater o feminicídio para buscar minimizar suas consequências nocivas a saúde das mulheres em nossa sociedade, buscando questionar e problematizar um contexto que pode se estender a diversos tipos de violências e intolerâncias, não somente com mulheres, buscando enfatizar o lugar de respeito às subjetividades, bem como incitar o debate e a pesquisa científica sobre essa problemática através da apresentação de perspectivas possíveis de se debater a partir de uma visão que a psicanálise proporciona, fomentando a produção acadêmica sobre essa problemática através de uma exposição da literatura relacionada que pode vir a servir de auxílio para a produções acadêmicas futuras com intuítos semelhantes.

## **2 METODOLOGIA**

Para se alcançarem os objetivos propostos nesse trabalho, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica através de textos, artigos, livros, dissertações e teses que debatam o feminicídio e violência contra mulher em articulação com a psicanálise, utilizando com esse propósito, as plataformas de dados científicos SciELO-Brasil (Biblioteca Eletrônica Científica Online, do inglês: Scientific Electronic Library Online - SciELO), Psique, PEPsic (Periódicos eletrônicos em Psicologia), BVS-Psi (Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia Brasil) e google acadêmico, buscando consultar a bibliografia já disponível, levando em consideração as publicações, entre os anos de 2008 à 2021, que relacionem ou abordem temáticas associadas com o feminicídio e psicanálise, que melhor se adequem à temática proposta. Dentro dessa perspectiva foi levado em consideração os artigos que apresentarem os descritores/palavras-

chave: “feminicídio e psicanálise”, “violência contra mulher e psicanálise”, “femicídio e psicanálise”, “crime passionai e psicanálise” e “violência de gênero e psicanálise”. Também foram utilizados livros de abordagem psicanalítica fundamentais e atuais para o desenvolvimento da discussão, como também para a problematização da questão da constituição do sujeito e dos fatores sociais que podem estar envolvidos com o feminicídio.

### **3 FEMINICÍDIO: definição e articulação com a psicanálise**

O feminicídio é um termo que deriva da palavra femicídio, trazido por Diana Russel em 1976, como afirma Iori (2019), com um intuito de demarcar um especificador para os crimes contra a vida das mulheres. Como a palavra homicídio tem uma concepção muito ampla, para a autora passou a ser necessário algo que tipificasse essa violência orientada ao gênero feminino, por se tratarem de crimes de ódio extremo contra as mulheres. Dessa forma a palavra feminicídio, embora já tenha sido utilizada por Russel, ganhou contornos mais bem estruturados e maior relevância no debate a partir da problemática da violência contra mulher na Costa Rica, partindo dos estudos de Marcela Lagarde, que denunciava a extrema violência e recorrência de casos desumanos de muita crueldade em sua cidade (IORI, 2019).

O feminicídio configura-se então como a morte violenta de uma mulher pela sua condição de gênero, sendo esta sua definição mais abrangente (GOMES, 2018). Como o presente trabalho não intenta uma descrição criteriosa, nem tampouco buscou-se esgotar o conceito em suas dimensões, bem como a problemática em toda a sua abrangência ou as relações de gênero em toda a sua extensão, para os objetivos atuais a definição trazida já atende à necessidade conceitual desse trabalho, que buscou refletir a partir da psicanálise as relações que o feminicídio tem com as vicissitudes que o aporte psicanalítico aponta na constituição psíquica dos sujeitos e que estão em jogo nas relações que estabelecem.

Diversas pesquisas trazem a questão do feminicídio como a expressão máxima de diversas formas de violência de gênero que as mulheres vêm sofrendo ao longo do tempo (IORI, 2019; RIGUINI; MARCOS, 2018), outras apontam a urgência de se pensar as questões e práticas relacionadas ao feminicídio enquanto questão de saúde pública, pois seus números apresentam crescimento alarmante em diversas partes do Brasil, havendo uma preocupação que é mais emergente devido às consequências do isolamento social, como consequência da pandemia mundial ocasionada pela Covid-19, em que diversas mulheres ao permanecerem por mais tempo em casa com seus companheiros, podem estar mais sujeitas à violência no ambiente

doméstico, o que colabora ainda mais para a elevação desses números, bem como para a urgência e relevância desse debate.

Atualmente os dispositivos legais possuem ênfase na punição desse tipo de crime a partir das leis 11.340/2006, Lei Maria da Penha que busca coibir a violência no contexto doméstico, como também a Lei 13.104/2015, que tipifica o crime de feminicídio (GOMES; BATISTA, 2015). Embora punindo suas consequências negativas, as ações legais para tratar da questão se concentram muito mais nas consequências desses crimes, havendo uma carência de medidas que tenham o intuito de agir de forma a prevenir que a violência se perpetue, buscando suas causas. Desse modo, as medidas legais agem de forma que buscam um abrandamento das suas consequências nocivas às vidas das mulheres, de modo que suas causas e determinantes não recebem atenção devida no intuito de evitar que a violência se perpetue.

Adentrando a discussão da violência dirigida contra a mulher, é possível evidenciar na literatura diversas propostas teóricas que se fundamentam nos princípios da teoria psicanalítica (RIBEIRO; RODRIGUES, 2008; DRUBSCKY, 2008; DA SILVA, 2018; MOTERANI; CARVALHO, 2016; RIGUINI; MARCOS, 2018) que tentam dar um delineamento específico de acordo com os objetivos de cada proposta de abordagem bem mais do que encontrar uma substância última que sirva de substrato aplicável à toda generalização de ocorrências, buscam abordar esse fenômeno da violência, de diversos pontos de vista, sendo válido ressaltar que nem todas essas expressões de agressividade culminam com o trágico desfecho para a vida feminina ser usurpada nesse processo.

Seja em contextos amorosos mais definidos e delimitados, como nos crimes passionais e violência conjugal (RIBEIRO; RODRIGUES, 2008; DRUBSCKY, 2008) seja na violência contra a mulher de forma mais ampla e de certa maneira mais descolada de relações conjugais e amorosas (DA SILVA, 2018; MOTERANI; CARVALHO, 2016), também é possível observar tendências de abordar a questão da violência e agressividade dirigida ao feminino (RIGUINI; MARCOS, 2018), considerando-o à maneira decorrente do propôs Lacan, como sendo a questão mais central em jogo nas cenas de violência e barbárie, tendo inclusive desdobramentos em crimes de homofobia e sujeitos travestis e transsexuais, pois dentro dessa abordagem operam também no mesmo movimento o feminino como além do gozo fálico que irá tocar na questão do *Heteros*, que à nível da compreensão psicanalítica dos processos psíquicos seria uma representação da diversidade das expressões da sexualidade que não se restringe à norma fálica, fazendo alusão ao lugar que as identidades de gênero que fogem da heteronormatividade podem representar, que se situa no lugar mesmo do gozo Outro, que estaria assim como o feminino, para além do gozo fálico (QUINET, 2012).

E partindo para a discussão que esse trabalho almeja, é válido destacar que a psicanálise pode oferecer diversas perspectivas para a compreensão dos crimes de violência contra a mulher e agressividade direcionada ao feminino, dessa maneira, aqui foi levado em consideração a partir dos fundamentos teóricos da psicanálise uma perspectiva que se relaciona com o objeto pequeno (*a*), em Lacan, que se apresenta no seu percurso de retorno à Freud, sendo relacionado em diversas discussões em que aparece como central, tanto na questão da escolha do objeto amoroso que irá operar no nível da fantasia, como também intimamente relacionado com o conceito de passagem ao ato, que se desdobra da selvageria que a angústia pode se apresentar no funcionamento psíquico, que seria um dos possíveis lugares em que se poderia operacionalizar o conceito de objeto *a*, nesse momento sendo central na sua expressão que se relaciona com a angústia que é suscitada no sujeito da linguagem (LACAN, 1962-63/2005).

A partir desse percurso a questão do feminicídio foi debatida possibilitando uma compreensão que se fundamenta na teoria psicanalítica. Assim, para os objetivos atuais foi desenvolvida uma discussão que perpassa a dimensão da passagem ao ato e da dimensão da subjetividade que aponta para a questão do feminino, conceito aprofundado por Jacques Lacan e que tem um de seus pontos centrais na figura do feminino que vai além da simples diferença sexual e anatômica que existe entre homens e mulheres (LACAN, 1972-73/1985), desta maneira, deve-se tomar o termo feminino tendo delimitações diferentes da sua acepção corriqueira com que se depara no senso comum.

É possível encontrar facilmente trabalhos que relacionam perfis de agressores e feminicidas à quadros psicopatológicos, desde uma perspectiva psicanalítica das estruturas clínicas até a abordagem psiquiátrica de transtornos mentais, que figuram entre o campo da psicose e da perversão, que podem englobar a esquizofrenia, transtornos de personalidade, transtornos de conduta, transtorno opositor desafiante, transtorno de personalidade antissocial (SANTOS et al., 2019; ALMEIDA, 2008; AGUILAR-RUIZ, 2018). No entanto, também se pode atentar ao fato de que mesmo com a grande incidência de transtornos mentais relacionados aos casos de feminicídio, esse tipo de prática também pode englobar perfis pouco ou não patológicos nesse sentido se diferenciando da psicose, que pode remeter com maior ênfase à questão do crime passional, que embora sejam tidos como menos perigosos ou recorrentes, podem também culminar em atos de feminicídio (DRUBSCKY, 2008; ALMEIDA, 2008; AGUILAR-RUIZ, 2018).

Fato é que para os interesses que esse trabalho almeja uma perspectiva ao abordar esse assunto ganha relevância na medida em que de forma geral, algo que é bastante presente ao se tratar da violência contra a mulher é passagem ao ato violento, pois agressões, violências em

suas diversas modalidades e bem como os atos de barbárie que culminam com o feminicídio podem ser vistos como atos, atos que colocaram em prática essa ação violenta e muitas vezes devastadoras, tanto para as vítimas como para os familiares que sofrem a dor da perda com o feminicídio (MARCOS; SILVA, 2020; ADAMES, *et al.*, 2020).

A questão da passagem ao ato, embora seja vista desde Freud (1901/1996; 1914/1969), é com Lacan que ela ganha uma formalização e ricas articulações, sendo trazido com mais consistência no seminário 10, em que aponta que a passagem ao ato se relaciona intimamente com questão da angústia e que esse também está relacionado de forma muito próxima com o campo do Outro (LACAN, 1962-63/2005), conseqüentemente todas essas elaborações perpassam ou são atravessadas pelo objeto *a*, que é o objeto causa do desejo que se configura como a mais incisiva contribuição de Lacan à teoria psicanalítica e que também está no centro das questões amorosas e escolha de parceiros amorosos (QUINET, 2012; ALLOÛCH, 2011; LACAN, 1962-63/2005).

#### **4 PASSAGEM AO ATO E FEMINICÍDIO**

Avançando um pouco mais nas teorizações, detém-se aqui de forma mais dedicada à questão da passagem ao ato, visto que dentro da teoria psicanalítica esse conceito ganha suas delimitações próprias se faz oportuno esclarecer e distinguir alguns aspectos que são fundamentais para a compreensão da temática trabalhada. Dessa maneira, quando mencionado sobre passagem ao ato, não se considera qualquer ação que uma pessoa pode vir a cometer, não se remete, simplesmente, ao aspecto de motricidade que um ato pode carregar.

Na literatura consultada essa questão é logo trazida à tona quando ao citar Lacan, um autor ressalta que: “impõe-se precisamente distinguir de saída o ato da motricidade” e ainda complementa (GUIMARÃES, 2009, p. 292):

Para Lacan, portanto, o ato está longe de corresponder a uma resposta do organismo — seja da ordem do reflexo ou da descarga da tensão — aos estímulos que se lhe endereçam. Entretanto, se ele pode aproveitar alguma coisa desses modelos, isso é condicionado a seu próprio ato de transpor o conceito de resposta à dimensão significante (GUIMARÃES, 2009, p. 292).

Dessa forma, a questão do ato começa a ficar melhor delimitada quando se apresenta a sua dimensão significante e nessa discussão é observado que dentro da psicanálise esse conceito tem dimensões para além da ação que se realiza nesse ato, mas muito mais do que isso o ato,

assim considerado, traz um componente de sentido, não se dá sem um contexto que é importante a ser considerado dentro dessa abordagem.

O autor assim explicita que:

Quanto ao tema em questão: o ato não equivale à ação realizada, caracterizando-se, antes, por suas coordenadas simbólicas. “Pois na dimensão do ato vem à baila [...] a inscrição em algum lugar, o correlato designificante que, na verdade, não falta jamais no que constitui um ato”. Logo, na medida que há ato, que se mistura à tarefa (ação) que o sustenta, trata-se, para Lacan, de uma intervenção propriamente significante (GUIMARÃES, 2009, p. 293).

Tendo em vista o que foi exposto fica evidente que ao associar a discussão do feminicídio à passagem ao ato, também traz ao debate, que se torna de extrema relevância, ao se considerar o sentido simbólico de determinado ato no sentido de um horizonte, um limite a ser atravessado, segundo o autor “encontrar num ato o seu sentido de palavra”, assim, possibilitando observar para além da ação realizada, o que se configura no campo simbólico que comporta esse sentido de palavra ao qual se relaciona o ato dentro da psicanálise (GUIMARÃES, 2009, p. 293).

Outra dimensão que não pode ficar fora da atual consideração ao abordar a questão da passagem ao ato é a dimensão do Outro, pois esse está em relação muito próxima durante a passagem ao ato, podendo chegar até a se elaborar que, na perspectiva que considera-se nesse trabalho seria muito difícil dissociar a passagem ao ato do campo do grande Outro e o que ele representa (GUIMARÃES, 2009).

E é assim, dessa maneira que o autor faz alusão a Lacan quando fala da passagem ao ato e traz os relatos da travessia de César do rio Rubicão, na medida em que se mostra a ênfase muito maior no caráter significante do seu ato, do que no seu esforço e empenho despendido para que sua ação se concretize. A referida passagem diz respeito ao ato do general Júlio César de afrontar o governo romano ao atravessar com tropas o rio Rubicão, o que era impraticável segundo as leis da época (GUIMARÃES, 2009, p. 294-295).

Essa citação fornece seu valor na medida em que considerada na sua ação a dimensão cultural que a travessia desse rio vem a representar, muito mais do que a travessia de fato está a representação desse ato. Atestando assim, o que foi exposto sobre a relação íntima, que se possa dizer indissociável da passagem ao ato com o grande Outro, pois todo um contexto simbólico se presentifica nessa travessia (GUIMARÃES, 2009, p. 294-295).

O exposto fica ainda mais explícito quando o autor ressalta:

seu ato realiza a ultrapassagem de um limiar sancionado pela lei, produzindo um efeito de ruptura. Depois de atravessar o limite que o Rubicão demarcava, ou seja, de ultrapassar as coordenadas simbólicas que regiam as leis da época, César não será mais o mesmo. Seu ato inscreve, necessariamente, um antes e um depois, devido à ruptura e à transformação que ele efetua (GUIMARÃES, 2009, p. 294-295).

Dessa maneira, com o texto destacado, que o componente de motricidade na passagem ao ato é secundário em relação ao seu contexto simbólico, que permeia esse ato em suas representações e simbolizações que perpassam e atravessam o sujeito em paralelo ao seu contexto social e cultural e que exercem influência na dinâmica psíquica do sujeito, pois segundo o autor é justamente esse componente simbólico que é testemunhado pelo grande Outro da cultura que concede ao fato seu caráter de passagem ao ato, do contrário não se constituiria como tal (GUIMARÃES, 2009).

O Outro representa a cultura, o social, de um modo particular para cada sujeito. Logo, não há nenhuma evidência a respeito do que produzirá efeito de ato no Outro, pois o Outro é, para cada um, um. O importante é que, como efeito de ato, a alteridade que o Outro representa está sujeita a se transformar, assim como o próprio sujeito. (GUIMARÃES, 2009, p. 295).

É precisamente esse atravessamento por parte do grande Outro que se torna relevante a observação e debate quando em busca de relacionar o feminicídio com a passagem ao ato na medida em que esse Outro cultural e social aponta a possibilidade de exercer influência sobre o sujeito que se precipita à passagem ao ato (GUIMARÃES, 2009).

Tal relação aponta questões ainda mais urgentes quando a se tratar do feminicídio, pois é tratado que o laço social contemporâneo que tende a favorecer cenas de violência na medida em que o sujeito contemporâneo apresenta uma tendência maior a ultrapassar os limites da alteridade do outro em favor das suas motivações pessoais sem um limite para seu gozo (SANTOS *et al.*, 2019).

Como já foi apontado, a passagem ao ato apresenta também um componente de mudança na alteridade do Outro, que com esse ato a alteridade esteja sujeita a uma transformação, o que quando aproximado com as tendências sociais perversas decorrentes das mutações no laço social acabam por trazer um alerta (SANTOS *et al.*, 2019).

Ao passo que esse sujeito contemporâneo apresenta na sua dinâmica psíquica uma tendência maior ao aniquilamento da alteridade do outro, de forma objetificante, instrumentalizante (SANTOS *et al.*, 2019), que ao interesse dessa pesquisa pode encontrar uma

expressão mais devastadora no ato feminicida, que por vezes acaba por aniquilar a alteridade feminina e a usurpar a vida dessas pessoas.

Acerca do que diz respeito ao aparecimento de traços perversos influenciados pelo contexto social, nesse debate se associe com maior força no Brasil, onde o feminicídio vem sendo vista como uma alarmante questão a se considerar pela severidade de suas consequências em que o machismo estrutural que se observa no país, se manifesta numa objetificação das mulheres que pode culminar com o trágico desfecho da aniquilação da vida (AGUIAR, 1997).

Desse modo, a autora Aguiar (1997, p. 11-12) pontua “Tirar a vida é diagnosticado, pelo movimento, como uma forma de apropriação do destino destas mulheres por seus maridos, ou companheiros, que se representam como donos-do-corpo de seus cônjuges.” Dessa maneira se evidência nas relações traços que são associados com muita proximidade ao campo da perversão ao passo que apontam para relações em que o outro é tomado como objeto e tem sua subjetividade anulada e desconsiderada, muitas vezes, como citado, chegando ao ponto de por fim a suas vidas em atos de violência.

Conforme Santos (*et al.*, 2019, p. 41):

ao permanecer apenas filho da mãe, o neo-sujeito utiliza-se do desmentido para evitar a subjetivação, enquanto o perverso faz do desmentido sua própria forma de subjetivação, o que lhe possibilita aniquilar a alteridade do outro instrumentalizando-a. A perversão afeta precisamente a forma de relação com o outro. É uma recusa a castração, a negação do limite do gozo e a impossibilidade de um gozo absoluto. (SANTOS *et al.*, 2019, p. 41).

O fragmento anteriormente exposto situa sobre a dimensão desse grande Outro cultural, suas repercussões nas trocas entre os sujeitos, que acabam sendo desencadeadas e atravessadas pelo contexto social, bem como as trocas simbólicas que os sujeitos realizam e que ocasionalmente podem vir a expressar também os traços perversos que são discutidos e podem acabar por trazer consequências gravíssimas para a sociedade, como propõe um dos autores consultados.

Este cenário de barbárie se tornou uma questão urgente a ser debatida e através da psicanálise considerando a problemática da passagem ao ato relacionada ao feminicídio, permitindo assim, um olhar mais atento aos fatores subjetivos que permeiam essa questão, pois o sujeito se precipita ao ato quando lhe faltam recursos simbólicos. Quando o sujeito não consegue elaborar através da fala suas questões e conflitos e representam também uma

possibilidade de se abordar a questão da violência sofrida pelas mulheres na nossa sociedade, considerando o recorte os crimes que são praticados pelos próprios companheiros (ADAMES, *et al.*, 2020).

Nesse sentido a autora explicita:

Fazer alusão às motivações ao homicídio conjugal é tentar caracterizá-lo como uma passagem ao ato numa relação de intimidade. Logo, haverá um sofrimento psíquico e um conflito interior que faz menção a um sujeito que, sob ameaça, manifesta por meio do ato o que não é capaz de expressar pela via da fala ou ainda, pelo corpo. Para tal, pensar nas múltiplas motivações que levam uma pessoa a cometer um crime que põe fim à vida alheia, especificamente a de seu (ex)parceiro conjugal, remete a uma ameaça psíquica que implica a complexidade de diversos fatores. (ADAMES, *et al.*, 2020, p. 62).

É nesse sentido que os autores Riguidini e Marcos (2018, p. 4) também trazem a luz da discussão a respeito do feminicídio sobre o olhar da psicanálise, que o feminicídio pode ser debatido e considerado como um ataque ao feminino, em que o inquietante do feminino como é abordado aqui está no excesso, na ultrapassagem dos limites, o que serve como justificativa para aplicação das normas de controle.

## **5 O ATO VIOLENTO E O FEMININO**

Outro aspecto que é possível de observar na discussão a respeito do feminicídio, o qual possibilita trazer ao debate e que não obstante, também se configura como uma questão de extrema importância dentro da própria abordagem psicanalítica reside no dilema que o feminino comporta, pelo enigma que esse conceito se associa e pela relação de proximidade que estabelece com a questão da violência de gênero e que deve ser considerado também ao tratar das discussões a respeito do feminicídio, pois dentro dessa perspectiva o feminino ganha outras dimensões, que em algumas situações podem se relacionar com a degradação e a violência que a dissolução do eu suscita pelo feminino quando diz de uma dimensão para além da satisfação que os discursos oferecem como referência a que se servir para a satisfação, podendo se relacionar com a passagem ao ato para dar uma resposta a essa incógnita (DANZIATO; TEIXEIRA; GASPARD, 2021; MARCOS; SILVA, 2020; RIGUIDINI; MARCOS, 2018).

Dizendo de outra maneira, ao abordar a problemática do feminicídio através de uma perspectiva relacionada à passagem ao ato, que por sua vez já se relaciona com diversas questões como suicídio e uso abusivo de drogas, levando em consideração os seus aspectos que

se expressão na impulsividade, agressão e violência, que estão em íntima relação com os casos de feminicídio, e parecem se precipitarem ainda mais na atualidade (MARCOS; DERZI, 2013):

Pode-se levantar a hipótese de que, em nossa época, há uma desordem nos registros do simbólico, do imaginário e do real. O ato ilustra essa desordem, pela manifestação no real em detrimento do simbólico. Provavelmente, isso ocorre devido ao esvanecimento do Outro, do Outro enquanto representante do simbólico, devido ao declínio da função paterna. Há uma descrença no Outro, pois nossa época é marcada por uma descrença na autoridade e por uma descrença no saber. Não há nenhuma instância simbólica que sustente o lugar do Outro, sendo assim, há uma desordem nos registros simbólico, imaginário e real (MARCOS; DERZI, 2013, p. 72).

O fragmento destacado além de trazer luz à relação da passagem ao ato, sendo considerado dentro da perspectiva psicanalítica com a violência, também ressalta duas questões que já foram apontadas e relacionadas de forma mais ampla ao feminicídio, a saber, o fato do ato se presentificar na medida em que o falo não consegue simbolizar uma angústia (LACAN, 1962-63/2005), bem como o declínio da dimensão simbólica que o Outro enquanto alteridade pode representar (MARCOS; DERZI, 2013).

A pergunta acerca do ato e de sua incidência nas mulheres justifica-se na medida em que o gozo feminino nos remete obrigatoriamente ao indizível, ao real. Embora o gozo feminino não acompanhe a anatomia do corpo, as mulheres se aproximam de um modo privilegiado do real. Sendo assim, não se trata de estudar as relações entre o gênero (mulher) e o ato, mas a relação entre o ato e o gozo feminino (MARCOS; DERZI, 2013, p. 75).

É essa perspectiva que aproxima o ato e o feminino que é trazido nas discussões apresentadas e que serviu de fundamento para direcionar a atual pesquisa, pois como foi visto a mulher dentro da perspectiva da psicanálise tem relação muito próxima com esse real e que pode vir a suscitar cenas de violência e degradação dentro do crime de feminicídio por parte do lado masculino associado ao gozo fálico – aí reside também o fato da discussão não estar pautada na questão anatômica e sua diferença inerente a homens e mulheres, mas sim na questão do masculino, que pode vir a ser encarnado também por mulheres (LACAN, 1972-1973/1985).

Um aspecto o qual chama atenção, como também, é de grande proveito salientar se observa na medida em que o feminino também é encarnado nas expressões de gênero que divergem do homem e mulher e que também são populações que sofrem com a violência também frequentes a que estão expostas (RIGUINI; MARCOS, 2018).

É nesse sentido que a violência e o feminicídio além de suas relações com a passagem ao ato, também se relacionam com a violência dentro da psicanálise, tendo em vista que a resposta que o sujeito encontra frente ao que não consegue nomear pode vir a configurar-se como uma passagem ao ato de violência e que acaba tendo desfechos cada vez mais trágicos (SANTOS et al., 2019).

Assim, o que se evidencia dentro das discussões à respeito do feminicídio, a partir da perspectiva psicanalítica, aponta a questão a que se deve atentar como já foi exposto o fato da influência que os discursos sociais exercem na constituição do psiquismo, na medida em que a mulher é trazida como inferior ou submissa ao homem, o que acaba por afetar as relações entre os indivíduos em sociedade, sobre isso:

o feminicídio como forma de expressão da violência contra a mulher devido à dificuldade ou impossibilidade do sujeito (homem) em controlar a agressividade, evidenciando a inabilidade do manejo pulsional, tendo em vista a cultura patriarcal que emite a crença de submissão da mulher ao homem, tendo-a como um objeto. Essa forma de violência surge como uma representação do funcionamento da sociedade, o que não implica necessariamente em uma explicação causal da existência de uma psicopatologia do agressor. O feminicídio se dá quando a violência contra a mulher chega ao extremo, a morte (SANTOS et al., 2019, p.12).

Torna-se possível observar que dentro dessa problemática a questão da violência que as mulheres sofrem na sociedade, que encontra a sua expressão mais trágica no feminicídio ganha dentro da psicanálise uma relação muito íntima com o conceito de feminino que essa teoria comporta, que aponta para uma posição conflituosa do homem em relação à sua satisfação, como já mencionado se precipita na medida em que o sujeito não consegue, através da linguagem, dar conta da sua experiência, quando se depara com a impossibilidade de tudo dizer sobre si, logo sobre o Outro, pode vir a colocar a violência em ato na tentativa de dar conta do seu desejo e em sua relação com o feminicídio: “Aqueles que se sentem atordoados, angustiados, esmagados, posto que sua relação com essa Alteridade que nos habita é às vezes palpável e no faz lembrar delas, aqueles que se recusam a cair no seu charme, muitas vezes as maltratam, começando por difamá-las” (DANZIATO; TEIXEIRA; GASPARD, 2021, p.69).

Como trazem os autores citados acima, o corpo da mulher encarna esse ponto de opacidade, de absoluta diferença, que seguindo esse pensamento, dentro da psicanálise o feminino pode ser tomado como um enigma que o sujeito carrega onde encontra essa diferença absoluta e que já desde Freud (1937/1976) era apontada uma recusa desse ponto de opacidade que representa o feminino nos sujeitos, independente do seu sexo biológico, o que justifica o

fato já mencionado do ato violento a ser considerado aqui também poder partir do sujeito sem delimitar restrição quanto ao seu gênero. Dessa maneira:

A recusa do feminino concerne, portanto a homens e mulheres, alicerçada em uma clínica diferencial construída a partir da lógica do desejo. Para Freud, assim como para Lacan, o gênero feminino é antes um caminho para o sujeito, um caminho fora do programa, sem nada a ver com a natureza e, no final, pouco tem a ver com a cultura no sentido das normas de gênero, mas sim com um encontro com um inassimilável (DANZIATO; TEIXEIRA; GASPARD, 2021, p.69).

Dentro do debate que a psicanálise proporciona a respeito do feminicídio a questão do feminino torna-se central no debate e toma grande relevância, não se restringindo somente a violência cometida por homens, tendo sua extensão válida também para a violência cometida por mulheres, pois a figura do feminino é encarnada pelo sujeito em posição feminina – aqui se distancia da aceção meramente anatômica – e que pode trazer uma vulnerabilidade à violência, pois para a psicanálise o ódio que se encontra por traz dos atos de violência aponta para um excesso de gozo Outro (DANZIATO; TEIXEIRA; GASPARD, 2021).

É nesse viés que possibilita introduzir a questão do amódio que pode se dirigir a figura feminina na medida em que esse amódio também se aproxima do sintoma ao passo que o outro é tomado como objeto de gozo, desconsiderando sua condição também de sujeito e delegando um lugar objetificado em que os limites do corpo e da subjetividade do outro, que se presentifica de forma mais evidente nas relações amorosas, em que se pode emergir de um excessivo amódio onde o amor rapidamente se transforma em ódio direcionado ao feminino que pode se expressar no corpo da mulher, que é tomado como alvo de violência que pode levar ao trágico desfecho do crime de feminicídio. (DANZIATO; TEIXEIRA; GASPARD, 2021)

Como se pode evidenciar, a psicanálise também pode lançar mão de seus conceitos que propicia um olhar questionador sobre a problemática do feminicídio, que pode se estender à outras violências de gênero, dessa maneira, devendo-se considerar a questão do feminino, que não por mera coincidência já inquietava o criador da psicanálise que tem suscitado saídas para esse impasse que, dentre outros, também permeiam a violência e a normas de controle que podem se observar nas sociedades, configurando-se como um dilema muito antigo ao qual o ser humano tenta dar resposta, podendo contribuir para se pensar o feminicídio dentro da abordagem psicanalítica, considerando o desejo e suas dimensões (RIGUINI; MARCOS, 2018).

Nesse sentido torna-se de extrema relevância considerar também a partir dessa discussão da perspectiva pulsional o que concerne ao amódio que permeia essa problemática, na medida em que esse conceito vem apontar sobre a ambivalência que se debate dentro da psicanálise em relação aos afetos dirigidos ao objeto desejado/amado, que por vezes pode oscilar entre o amor e o ódio, podendo esse último vir a se manifestar também de forma extrema em cenas de violência e barbárie direcionada a outro sujeito, aqui trazido com maior ênfase nas relações conjugais e afetivas (DANZIATO; TEIXEIRA; GASPARD, 2021, p.69).

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É dessa maneira, a partir das discussões que foram trazidas que se constata e evidencia que a psicanálise enquanto área de saber também possibilita ricas contribuições quanto da análise dos fatores que se relacionam com a concretização do ato do feminicídio, assim, oferecendo recursos para buscar compreender melhor essa problemática ao lançar mão de seus conceitos próprios, trazendo paradigmas que são próprios do seu aporte teórico, a saber, a questão pulsional e desejante do sujeito, bem como os esforços que faz dentro da cultura para lidar com impulsos violentos e destrutivos.

Bem como também a maneira que a cultura precipita de forma ampla que situações de violência e aniquilação do outro enquanto sujeito e alteridade, pode apontar através do debate, questões cruciais que se impõe para o sujeito, a saber a grosso modo o encontro com a diferença sexual e suas implicações para o mesmo dentro dessa abordagem.

Assim, buscou-se trazer com essa pesquisa as principais contribuições que a psicanálise pode propiciar dentro dessa discussão que se torna tão urgente na sociedade, seja pela gravidade das consequências que o feminicídio acarreta, seja pela quantidade alarmante de cenas desse tipo que se repetem com cada vez mais frequência no país e que demanda o olhar e o cuidado de toda a sociedade para intervir nas questões mais determinantes que favorecem esses atos mais do que apenas punir suas consequências e abrandar suas sequelas traumáticas que são deixadas na vida e na história dos envolvidos.

Com isso, foram abordadas duas perspectivas distintas a respeito do feminicídio dentro da psicanálise que são debatidas por diversos autores, que se relacionam e se complementam, como também apresentam suas peculiaridades, como se buscou brevemente elucidar, que propiciam uma compreensão muito particular e característica sobre essa problemática, a saber, a perspectiva da passagem ao ato violento e a questão do feminino em sua acepção mais particular a psicanálise que difere do senso comum.

Com isso, a passagem ao ato violento faz alusão ao momento em que o sujeito encontra através da violência, algum ato significativo para tentar lidar com o aspecto pulsional do sujeito, através da transgressão de um limite e nesse movimento o aspecto de anulação da alteridade e da dimensão do outro real, que tem sua subjetividade totalmente anulada em atos de perversidade, também diz da maneira que o contexto social influencia e precipita que essa modalidade de ato seja posta em prática de forma trágica e muitas vezes fatal.

A questão do feminino que é trazida por diversos autores e relacionada com a violência que as mulheres, bem como outros grupos também estão sujeitos, que na leitura proposta se relaciona com o encontro traumático do sujeito com a castração e a diferença sexual, que se impõe como uma questão subjetiva a qual o sujeito busca dar conta, bem como ao contorno opaco que esse conceito suscita e a resposta violenta que pode ser desencadeada desse encontro com o feminino que se encarna no corpo da mulher e em outras orientações de gênero ao passo que diz também de um gozo para além da função fálica e suas implicações nos sujeitos.

Dessa forma buscou-se elucidar as contribuições possíveis que a psicanálise vem proporcionar para a compreensão do feminicídio, questão que chama a atenção pelas características e dimensões que vem apresentando no Brasil, bem como os números alarmantes de tragédias que são testemunhadas pela nossa sociedade com o intuito de oferecer um aporte teórico para se pensar e problematizar essa questão, bem como possibilitar um olhar mais sensível para a problemática.

## REFERÊNCIAS

ADAMES, B. *et al.* "Até que a morte nos separe?": dimensões psicossociais dos homicídios conjugais cometidos por mulheres em Santa Catarina. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/215836>. Acesso em: 25 set. 2021.

AGUIAR, N. Para uma revisão das ciências humanas no Brasil desde a perspectiva das mulheres. In: **Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997. p. 9-29. Disponível em: [https://especializacaoemgenero.com.br/textos/telma%20aula1/Mireya%20Suarez%20Livro%20Genero%20e%20ciencias%20humanas%20\(1\).pdf](https://especializacaoemgenero.com.br/textos/telma%20aula1/Mireya%20Suarez%20Livro%20Genero%20e%20ciencias%20humanas%20(1).pdf). Acesso em: 25 set. 2021.

AGUILAR-RUIZ, R. Tipologías de feminicidas con trastorno mental en España. **Anuário de Psicología Jurídica**, v. 28, n. 1, p. 39-48, 2018. Disponível em: <https://journals.copmadrid.org/apj/art/apj2018a4>. Acesso em: 25 set. 2021.

ALLOÛCH, J. **El amor Lacan**. Buenos Aires, 1 ed, El Cuenco de Plata, 2011.

ALMEIDA, P. Criminalidade e psicanálise: entrevista com Serge Cottet. **Estudos de psicanálise**, n. 31, p. 09-16, 2008. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372008000100002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372008000100002). Acesso em: 25 set. 2021.

DANZIATO, L.; TEIXEIRA, C. L.; GASPARD, J-L. (Orgs.) **Violência de gênero e ódio ao feminino**. Curitiba: CRV. 2021.

DA SILVA, C. R. Violência de gênero no Brasil e na América Latina: um enfoque psicanalítico, a produção de conhecimento e perspectivas de enfrentamento. **Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, v. 20, n. 1, p. 80-96, 2018. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/11284>. Acesso em: 25 set. 2021.

DRUBSCKY, C. A. Até que ponto o narcisismo pode ser datado? uma reflexão à luz das contribuições de Piera Aulagnier. **Psicologia Clínica**, v. 20, n. 2, p. 224, 2008. Disponível em: [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/11780/11780\\_1.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/11780/11780_1.PDF). Acesso em: 25 set. 2021.

FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica dos sexos. In **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. (Vol. XIX, p. 155-164. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Originalmente publicado em 1925.

FREUD, S. Análise terminável e interminável. In **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (Vol. XXIII). Rio de Janeiro: Imago, 1976. Originalmente publicado em 1937.

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar. In **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago, 1969. Originalmente publicado em 1914.

FREUD, S. Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. In **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (Vol. VI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Originalmente publicado em 1901.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6d. São Paulo: Atlas 2010.

GOMES, C. A.; BATISTA, M. F. Femicídio: paradigmas para análise da violência de gênero com apontamentos à Lei Maria da Penha. **VII Seminário de Pesquisa Interdisciplinar**. 2015. Disponível em: [https://www.unisul.br/wps/wcm/connect/57571c15-0bd8-498c-baca-599dde5e74cf/artigo\\_gtdir\\_claudia-mirela\\_vii-spi.pdf?MOD=AJPERES](https://www.unisul.br/wps/wcm/connect/57571c15-0bd8-498c-baca-599dde5e74cf/artigo_gtdir_claudia-mirela_vii-spi.pdf?MOD=AJPERES). Acesso em: 25 set. 2021.

GUIMARÃES, M. C. P. O estatuto renovado da passagem ao ato. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 12, p. 291-306, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/cq8GLgmmYNb8ZVvkZwPg3Nn/abstract/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 25 set. 2021.

IORI, K. De F. Aproximações Acerca Do Conceito De “Femicídio” A Partir Da Literatura Feminista. In: **Congresso Brasileiro De Assistentes Sociais 2019**. 2019. Disponível em: <https://broseguini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/view/755>. Acesso em: 25 set. 2021.

LACAN, J. **O Seminário**, Livro 10: a angústia. (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. Originalmente publicado em 1965.

LACAN, J. **O Seminário**: Livro 20: Mais ainda. (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. Originalmente publicado em 1972-73.

MARCOS, C. M.; DERZI, C. A. M. As manifestações do ato e sua singularidade em suas relações com o feminino. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 16, n. 1, p. 71-86, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/nQHyz8GKC46W48pFKDxsPmR/?lang=pt10269>. Acesso em: 25 set. 2021.

MARCOS, C. M.; SILVA, T. L. O Ato como Tratamento para a Devastação Feminina. **Revista Subjetividades**, v. 20, n. 3, p. 23-12/2020, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/10269>. Acesso em: 25 set. 2021.

MOTERANI, G. M. B.; CARVALHO, F. M. de. Misoginia: violência contra a mulher numa visão histórica e psicanalítica. **Avesso do avesso**, v. 14, n. 14, p. 167-178, 2016. Disponível em: [http://www.feata.edu.br/downloads/revistas/avessodoavesso/v14\\_artigo11\\_misoginia.pdf](http://www.feata.edu.br/downloads/revistas/avessodoavesso/v14_artigo11_misoginia.pdf). Acesso em: 25 set. 2021.

OKABAYASHI, N. Y. T. *et al.* Violência contra a mulher e feminicídio no Brasil - impacto do isolamento social pela COVID-19. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 3, p. 4511-4531, 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/9998>. Acesso em: 25 set. 2021.

QUINET, A. **Os outros em Lacan**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2012.

RIBEIRO, C.; RODRIGUES, V. Crimes Passionais. **Rio de Janeiro**, 2008. Disponível em: [http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/K208203.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/K208203.pdf). Acesso em: 25 set. 2021.

RIGUINI, R. D.; MARCOS, C. M. Cinco Notas sobre o Feminicídio a partir da Psicanálise. **Revista Subjetividades**, v. 18, n. Esp, p. 1-12, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/5275/527562772001/527562772001.pdf>. Acesso em: 25 set. 2021.

SANTOS, A. E. *et al.* **Violência**: uma perspectiva psicanalítica da constituição psíquica do indivíduo. 2019. Disponível em: <http://repositorio.faema.edu.br/handle/123456789/2439>. Acesso em: 25 set. 2021.